**REBUCETEIAS:  
CONECTIVIDADES LÉSBICAS EM TEMPOS DE COVID-19**

Julianna Paz Japiassu Motter[[1]](#footnote-1)

**RESUMO**

O presente trabalho, de caráter exploratório, tem como objetivo compreender como a plataforma de rede social Instagram tem produzido, durante o período de distanciamento social ocasionado pela pandemia de Covid-19 no Brasil, o fenômeno do rebuceteio, comum às relações sexuais e/ou afetivas de mulheres lésbicas e bissexuais. Por meio de uma cartografia-genealógica, expressam-se aqui os principais temas discutidos por essas mulheres em duplas e/ou grupos. Compreende-se a plataforma Instagram não somente enquanto um veículo, mas também como uma mediadora que (re)produz as interações.

**Palavras-chave:** rebuceteias; lesbianidades; Instagram; plataformização; cartografia.

**Introdução**

Para o que se objetiva neste trabalho, o Instagram foi a plataforma de rede social escolhida, devido a concentração das várias possibilidades de interação, em sua interface, entre as/os usuárias/os, além de ser uma das redes sociais mais utilizadas no Brasil. É “um dispositivo privilegiado para mapearmos trajetórias contemporâneas em disputa nas relações entre olhar, tecnologia, imagem, economia e subjetividade” (BENTES, 2018, p.12). Dessa forma, trata-se de uma plataforma interessante para observar a exteriorização das subjetividades e mapear o compartilhamento de identidades e identificações coletivas, assim como de sua organização acerca de temas que lhes são caros.

Nesse sentido, perfis específicos foram selecionados para realização de análise, levando em conta critérios como a visibilidade dos perfis dentro da comunidade lésbica – considerados perfis em ascensão dentro da plataforma –; a variedade de temáticas levantadas; a diversidade racial; e a localização geográfica. São eles: @sapataoamiga, @pretacaminhao, @kimbalaie, @velcrochoque, @lesbicult, @duasmaeseumafilha, @clubelesbos e @lesbicanegraecaminhao. Os referidos perfis reúnem uma série de ativistas lésbicas produtoras de conteúdo de diferentes localidades do Brasil, de conteúdos diversos sobre as lesbianidades.

Em razão da recente crise sanitária, as medidas de distanciamento social, para contenção da pandemia do coronavírus, começaram a ser colocadas em prática no Brasil em março de 2020. As iniciativas para controle da transmissão do vírus tiveram diferentes particularidades, variáveis conforme governos estaduais e prefeituras. Ainda assim, de maneira crescente, as restrições, ambas as recomendadas e as impostas, fizeram com que diversas atividades e práticas coletivas fossem transferidas para o âmbito virtual, principalmente em vista das inúmeras recomendações de que fossem evitadas as aglomerações, especialmente em espaços fechados.

Nesse sentido, várias articulações sociais e políticas, que pressupunham reuniões e/ou encontros coletivos foram transpostas para as mais diversas plataformas e aplicativos. São exemplos: lives no Instagram; debates no Zoom; grupos de leitura no Google Hangouts; reuniões no Google Meets; festas no Jitsi Meet; congressos acadêmicos no StreamYard e retransmitidos no YouTube. Diversos perfis de mulheres que se relacionam sexo-afetivamente[[2]](#footnote-2) com outras mulheres – ou perfis de coletivas e/ou iniciativas para esse público *–* têm se organizado para promover uma variedade de encontros e eventos online, com o intuito de discutir e promover saberes, sejam sobre questões de gênero e de sexualidade, sobre suas identidades e/ou identificações ou mesmo para promoção de socialização das sujeitas pertencentes a esses grupos, seja em festas ou em shows. Para esse artigo, interessa compreender de que forma a materialidade do Instagram, no contexto do distanciamento social, tem produzido a rede de conectividade e de conexão dessas mulheres, especialmente a partir de um olhar direcionado às mulheres lésbicas, apresentadas aqui enquanto **rebuceteias**.

Dessa forma, o presente trabalho está dividido em cinco momentos. O primeiro, foi apresentar uma abordagem contextual do fenômeno a ser estudado; o segundo, traz a fundamentação teórica levantada para a promoção de uma análise; por sua vez, o terceiro, mostra os percursos teórico-metodológicos escolhidos para a pesquisa; no quarto, apresentam-se os resultados alcançados e, simultaneamente, as discussões provenientes dos mesmos; e, por último, sua quinta parte aponta as considerações finais, que espero serem de utilidade para os próximos trabalhos nesse campo.

**Redes lésbicas, plataformas e redes sociais**

Antes de começarmos, é necessário definir o que se entende, no que diz respeito a esse estudo, enquanto rebuceteio para, então, avançarmos na compreensão sobre as maneiras pelas quais ele tem sido produzido no contexto digital. Rebuceteio é um termo da linguagem popular, que se refere à uma prática social, de cunho afetivo e/ou sexual, comum às mulheres que se relacionam sexo-afetivamente com outras mulheres. Ainda que comumente referida enquanto uma prática de sociabilidade, é interessante pensá-la, também, enquanto uma maneira de organização social própria dessas mulheres, implicando, consequentemente, em uma rede complexa de relações interpessoais de vários níveis, entre mulheres de várias idades, contextos e localizações.

Este seria um bom lugar, ela sabia, pois, uma vez no centro, no olho do furacão, seria difícil escapar, porque as meninas perdidas ficam sempre próximas, presas no centro idílico do furacão tormentoso, o famoso rebuceteio, a sapatosfera, onde, ela tinha certeza, seria fácil encontrá-las. Uma vez localizadas, precisaria apenas se jogar no meio delas e, cedo ou tarde, seria atraída, inevitavelmente, pela própria força gravitacional daquele movimento giratório, para a órbita de alguma novidade, uma menina ou duas querendo encontrá-la - assim o amor talvez pudesse dar as caras e sua misantropia quem sabe gozasse de um funeral repleto de público (LEONEL, 2003, p.13)

O trecho destacado acima, do icônico livro *Balada para as meninas perdidas* (2003) de Vange Leonel, revela a força coletiva desse enredamento, ou em outras palavras, uma “força gravitacional daquele movimento giratório” (LEONEL, 2003, p.13). Adiciona-se a isso, a inovação dessa rede-movimento que é chegar a uma “órbita de alguma novidade” (LEONEL, 2003, p.13).

O rebuceteio é, assim, uma forma de interação e de comunicação em redes de mulheres e que, embora tenha origem no envolvimento afetivo-sexual, pode vir a subsidiar, também, a construção de um enredamento político que, por sua vez, produz e viabiliza a troca de conhecimentos sobre o que são as lesbianidades e quais seriam suas demandas e discussões político-sociais. No contexto do distanciamento social essa, e outras práticas e interações, são cada vez mais transpostas para as plataformas de redes sociais, assim produzindo outros funcionamentos e sentidos. A ideia de um *continuum lésbico*, mobilizada por Adrienne Rich (2012), também pode, etimologicamente, ajudar a pensar em uma continuidade inter-relacional entre essas mulheres.

Outra imagem interessante para pensar essa rede, pode ser observada a partir da série televisiva norte-americana *The L Word*  – transmitida pelo *Showtime*, entre 2004 e 2009  –, importante marco na história da representação lésbica nas mídias hegemônicas: o *chart* (Figura 1). No seriado, o *chart* é uma representação visual, a partir do qual as personagens explicitam as relações entre as lésbicas, conectando-as e criando ﻿essa “grande metáfora da conexão” (AGOSTINI, 2020, p.20).

Uma imagem contendo texto

Descrição gerada automaticamente

Figura 1 – O *chart*.

A autora Adriana Agostini (2020) é responsável por apresentar um dos vários aspectos de conexão e de metalinguagem presentes na referida série. A autora não se limitou apenas ao exemplo visual e constituidor do *chart*, mas abrangeu também a forma como a série tencionou a transformação do *chart* em um site de relacionamento lésbico, *Ourchart.com*. O que, posteriormente, transporia a ficção e desencadearia na replicação desse mesmo site na *World Wide Web,* tornando-o acessível também para as espectadoras e fãs da série, trazendo, assim, uma narrativa ficcional para as mãos das espectadoras.

Ainda que, as categorizações de Agostini (2020), a priori, não pareçam compatíveis à compreensão da pluralidade das lesbianidades, consideradas nesse estudo, ao propor uma análise da série, a autora abre o campo para que a metáfora da rede sirva para a análise não apenas de representações e de imagens das lesbianidades na mídia hegemônica, mas também das próprias relações que se constituem entre as lésbicas. Seguindo essa lógica, o mesmo serviria para a metáfora da conexão – que, no caso da autora, relaciona a série com produções audiovisuais anteriores que abordem as lesbianidades.

Considerando esse espectro, a plataformização da sociedade (VAN DJICK; POEL e WAAL, 2013) cria e reinaugura novas relações e interações. Sendo possível aferir que, de maneira geral, “práticas ciborgues proliferam rapidamente novas relações entre público e privado, de tal forma que estamos sempre lidando com o efeito de repadronização antes mesmo de compreendermos a força disso” (PUAR, 2017, p.5). Para Jasbir Puar (2017), as tecnologias são capazes de alterar as tendências afetivas, em outras palavras, a maneira como os corpos podem ser afetados, ou seja, as práticas – a nível pessoal e coletivo -, a economia de atenção, os modos de se relacionar e a produção de subjetividades.

Vale ressaltar que, plataformas de redes sociais são compreendidas, aqui, enquanto contextos controlados e estruturados por algoritmos, que compreendem e viabilizam fenômenos sociais (VAN DJICK; POELL e WAAL, 2013; LUPTON, 2014; GILLESPIE, 2018) ⁠além de abrirem possibilidades de envolvimento, entre perfis e usuárias/os, e com as próprias plataformas.

Ante a plataformização da vida, também é possível observar a articulação de indivíduos com, e a partir de, os dispositivos e as plataformas, a fim de produzir sentidos sobre si mesmos, visto que as/os sujeitas/os são ambas/os produtos e consumidoras/es, nesse contexto (LUPTON, 2014). Dessa forma, plataformas não são somente estruturas capazes de refletir o social, mas ainda, de (re)produzir o social e seus dilemas do cotidiano (VAN DJICK, JOSÉ; POELL, THOMAS; WAAL, 2013).

Plataformas de redes sociais, como o Instagram, expandem o conceito, articulado por danah boyd (2010) de sites de redes sociais – as chamadas SRS -, ao também compreender outras formas de interação e articulação de sujeitas/os. Entretanto, e conforme afirma boyd (2010), compreender a complexidade dos usos, das dinâmicas e das propriedades dos públicos em rede – e, sendo assim, do funcionamento das próprias redes sociais em si – consiste em uma forma de buscar compreender a lógica das próprias práticas sociais.

Nesse espectro, boyd (2010) elabora a noção de públicos em rede, que seriam os agrupamentos sociais reestruturados, a partir do advento das tecnologias, e que são, simultaneamente, tanto o espaço construído a partir das tecnologias, quanto esse coletivo de indivíduos que emerge desde suas interações em rede.

Ainda, boyd (2010) reforça como um mundo construído a partir de bits se configura de uma maneira específica, resultando em um tipo de público ou de grupo social que, consequentemente, se constitui de forma distinta. Para a autora, existem quatro propriedades fundamentais, do ambiente virtual, na configuração dos públicos em rede: (i) a persistência; (ii) a replicabilidade; (iii) a escalabilidade; e (iv) a pesquisabilidade. Por persistência, (i) entende-se a durabilidade das informações em rede; por replicabilidade (ii) a capacidade de propagação e compartilhamento; já por escalabilidade (iii) a visibilidade de conteúdo e; por fim, a pesquisabilidade (iv) diz respeito à possibilidade de acessar o conteúdo disponível por tempo indeterminado (BOYD, 2010).

Plataformas de rede social, como é o Instagram, permitem que você discuta determinados temas que não encontram outros espaços para serem debatidos e, também por isso, têm sido apropriadas por sujeitas/os e temas específicos que, antes, permaneciam à margem. Nessa lógica, a inovação não acontece apenas pelo acesso que, em certa medida, amplia a multiplicidade de vozes e de discursos, mas também pelos diversos recursos e linguagens possíveis nas plataformas que viabilizam, conjuntamente, novas formas de, por exemplo, serem discutidas sexualidades contra hegemônicas.

Ao levar em consideração que, ambos os avanços tecnológicos e o aumento na frequência dos usos fazem com que se torne cada vez mais difícil separar o eu dessas tecnologias, os "dispositivos se tornaram mais profundamente acoplados aos nossos sentidos de corpos e cada vez mais parecem extensões das nossas mentes" (TURKLE, 2013, p.16)⁠.

Turkle (2013) chama atenção para a maneira como, a existência de uma diversidade de mundos sociais online, proporciona novos materiais para trabalhar nas identidades e nas identificações. Um trabalho que é contínuo, e que acaba experimentando maiores possibilidades de variação, diante das especificidades e das inovações das plataformas online, assim como da pluralidade de linguagens.

Turkle (2013), ao retornar à metáfora do panóptico de Foucault, reforça a maneira pela qual as tecnologias, por ela intituladas de *always-on/always-on-you* (ou seja, sempre conectados/sempre em você) levam o automonitoramento a um outro nível. Não se pode desconsiderar que há, também, maior possibilidade de que os indivíduos estejam mais atentos a si mesmos, desenvolvendo capacidade de se regular de maneira mais eficaz. Em contrapartida, esses processos têm demonstrado uma ruptura com as normas locais - antes delimitadas fisicamente pelos espaços geográficos e/ou por comunidades específicas -, visto que se torna cada vez mais possível encontrar outros grupos e outras comunidades, reestabelecendo vínculos online.

Todas essas questões são importantes, principalmente, para considerar as mudanças a partir dos ambientes digitais na constituição de si e nas representações de si, seja no gerenciamento de impressões, ou nas dimensões do self. Se considerarmos que a compreensão do que é o self está, inerentemente, enraizada na concepção de comunidade, então o entendimento do self está sendo revisto (GERGEN, 2000)⁠, uma vez que a ideia de comunidade tem sido colocada em xeque com a dissolução das fronteiras físicas, enquanto limitadoras das interações e moduladoras das/os sujeitas/os.

Agostini (2020), ao retomar os estudos de Gimeno (2008), sobre os discursos das lesbianidades, relembra que, em Roma, “a busca de prazer sexual entre mulheres só se justificaria se também significasse sair de um mundo dominado por homens. Criava-se assim uma espécie de espaço político entre essas mulheres” (AGOSTINO, 2020, p.33). É dentro desse raciocínio que vale questionar-se: como o Instagram tem ajudado não apenas na projeção das sexualidades e afetos dessas mulheres, mas na criação de uma espécie de espaço político, ou melhor, de uma rede política entre elas?

**Como construir essas rebuceteias?**

Pelo caráter múltiplo do Instagram  – cuja funcionalidade não se limita a uma rede social, mas também a um aplicativo e uma empresa que reúne uma diversidade de funções  –, entende-se que é uma importante plataforma “para mapear as trajetórias contemporâneas em disputa nas relações entre tecnologia, visibilidade e subjetividade” (BENTES, 2018). ⁠

Considerando o que apresenta Noortje Marres (2017), estamos diante de por um processo de revisão das maneiras pelas quais se fazem pesquisas sociais, no contexto digital. E, assim sendo, seria preciso abrir espaço para novos métodos de pesquisa digital que permitam o desenvolvimento de seus próprios procedimentos para análise de dados. E isso não precisaria significar uma falta de rigor científico, mas sim um caminho que demonstra a necessidade de buscar diversos instrumentos e ferramentas que deem conta da diversidade de dimensões apresentadas pelas plataformas.

Entendendo o rebuceteio, dentro e fora das ambiências digitais, enquanto um enredamento de actantes  – que envolvem conceitos, indivíduos, agentes humanos e não-humanos (LEMOS, 2013a)⁠  – e o Instagram enquanto esse espaço-tempo de mapeamento das trajetórias contemporâneas (BENTES, 2018), parece plausível transpor o desenho dessa rede por meio de um processo cartográfico.

Baseada na Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2005; LEMOS, 2013b), e respaldada na complementariedade da genealogia (ZAMBENEDETTI; DA SILVA, 2011), para compreender a emergência⁠ do rebuceteio, essa exploração cartográfica busca, nessa nova formatação, encontrar formas de elucidação do fenômeno específico dessas mulheres, que antecede as tecnologias.

Se, portanto, “rede é o movimento da associação, do social em formação” (LEMOS, 2013a, p.35)⁠ e o social emerge dessas associações e dessas redes (LATOUR, 2005; LEMOS, 2013b, 2013a)⁠, um mapeamento possibilita tecer as maneiras pelas quais a articulação de mulheres  – que se relacionam sexo-afetivamente com outras mulheres  –, e mesmo suas sexualidades têm se transformado com as tecnologias.

Esse mapeamento, por sua vez, tem como finalidade visualizar de que maneiras o “corpo físico e do corpo vivido se imbricam com os sistemas de hardware e software e se apresentam como corpos empenhados em adaptar-se a materialidade dos sistemas” (NATANSOHN; FERREIRA, 2018, p.35)⁠. Assim como, de que forma essas digitalizações de si viabilizam outros tipos de enredamento, que dissolvem cada vez mais as fronteiras físicas e potencializam o rebuceteio, construindo verdadeiras rebuceteias de interações atenuadas pelo distanciamento social.

Antes de definir os passos para realização da pesquisa, portanto, é preciso reforçar que não se trata apenas de uma escolha metodológica. Porque a cartografia é o acompanhamento de processos, ela é importante no mapeamento das micropolíticas. Não se trata de uma metodologia prescritiva (PASSOS e BENEVIDES DE BARROS, 2015), mas de um processo de (re)descobertas metodológicas. “﻿A análise aqui se faz sem distanciamento, já que está mergulhada na experiência coletiva em que tudo e todos estão implicados” (PASSOS e BENEVIDES DE BARROS, 2015, p. 19).

Se todo conhecimento é implicado, a cartografia comporta uma forma de conhecimento que acompanha os processos de constituição, inerentes à experiência (PASSOS e BENEVIDES DE BARROS, 2015). E se o rebuceteio nada mais é do que o enredamento de sujeitas, nada mais explanatório dessa realidade do que a proposição de um acompanhamento do processo que constrói e/ou consolida essas redes.

Tratando-se de processos de subjetividade e subjetivação, a cartografia “tem como desafio desenvolver práticas de acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividades” (POZZANA DE BARROS e KASTRUP, 2015, p.56). Nesse sentido, não há uma coleta de dados, mas sim uma produção de dados (KASTRUP, 2015).

Para acompanhar como se dá o processo do rebuceteio dentro do Instagram – rede que viabiliza a visualização desse enredamento –, primeiro foram definidos os critérios que permitiriam analisar essa interação originária. Não bastava apenas analisar os perfis no Instagram, mas foi preciso encontrar formas de acompanhar as interações, promovidas por esses perfis.

Sendo assim, foram selecionados oito perfis de mulheres lésbicas, utilizando a realização de lives, conjuntas com outras mulheres lésbicas, no contexto da pandemia, como um primeiro critério. Essa escolha se fundamenta na alta demanda e frequência do uso do recurso das lives, como um recurso possível para promoção dos encontros – debates, bate-papos, conversas, etc.

Além do critério das lives, realizadas entre duas ou mais usuárias, os perfis @sapataoamiga, @pretacaminhao, @kimbalaie, @velcrochoque, @lesbicult, @duasmaeseumafilha, @clubelesbos e @lesbicanegraecaminhao foram escolhidos também a partir de outros critérios pré-definidos, sendo eles: o alcance do perfil[[3]](#footnote-3); a interlocução com outros perfis de lésbicas, e/ou com perfis que tratam de outras questões sociais; a produção frequente de conteúdo; e a participação em lives de outras/os usuárias/os, durante o período de distanciamento social no Brasil.

Em seguida, os perfis selecionados foram categorizados, de acordo com as principais temáticas abordadas. Para definição e categorização dessas temáticas, foram analisadas as postagens de cada perfil, além da apresentação feita na *bio* de cada um desses perfis. Foram raspados os dados das 68 lives, realizadas durante o período de análise – de março a julho de 2020. Em tempo, os perfis também foram categorizados de acordo com a região do país.

Os resultados, advindos desses dados coletados e trabalhados, geraram a Tabela 1, que contendo as categorias elencadas que definiram as temáticas sobre as quais lésbicas têm se debruçado no Instagram, assim como a região a qual pertence cada uma das usuárias. Em seguida, esses mesmos dados foram analisados, demonstrando a frequência de cada um dos termos, gerando uma segunda tabela, mas cuja representação visual se traduziu em uma nuvem de palavras (Figura 2), remontando uma aproximação visual do próprio *chart*.

**Resultados e discussão**

A temática das ‘Lesbianidades’, embora comum a todos os perfis, é apresentada na tabela de forma a ressaltar que todos os perfis abordam as lesbianidades enquanto um tópico. Isso significa que todas essas mulheres apresentam às suas/seus seguidoras/es e, consequentemente, disponibilizam ao público geral, questões e informações que fazem parte do repertório das ‘Lesbianidades’, ainda que tenham seus respectivos recortes e especificidades dentro da temática. Ressaltando que existe, também, “uma dupla ideia de lesbianidade, como prática e identidade” (ZILLER et al., 2019, p.5) e que isso, por si só, já provoca uma pluralização das ideias e debates.

Por sua vez, o tema ‘Negritudes’ se apresenta enquanto eixo principal do debate, em três dos oito perfis analisados, e nestes, aparece antes mesmo da temática ‘Lesbianidades’. Aqui, vale considerar a produção *Não há hierarquias de opressão*, de Audre Lorde, onde a autora afirma “eu nasci negra e mulher [...] Entre as mulheres lésbicas, eu sou negra; e entre as pessoas negras, eu sou lésbica” (LORDE, 2012).

A distinção entre as temáticas ‘Cultura Lésbica’ e ‘Cultura e Práticas Sociais’ tem o propósito de diferenciar dois tipos de perfis. Uma primeira tipificação de perfil se definiria a partir daqueles que se detêm à produção de conteúdos que tangem a diversidade de representações, sobre a cultura lésbica, em suas variadas expressões e produções – artes visuais; literatura; audiovisual; música; memes; linguagens; representações e representatividades; entre outros –, por meio de referências, resenhas e indicações. Uma segunda tipificação se aplicaria aos perfis que ultrapassam o recorte das lesbianidades, e que promovem debates sobre as práticas socioculturais próprias e exteriores ao meio lésbico, além das lógicas culturalmente impostas em nossa sociedade – a saber, o próprio rebuceteio; a assimetria do mercado afetivo; o sistema capitalista; a precarização do trabalho; entre outros.

A ‘Dupla Maternidade’ tem sido um debate gradual nas redes sociais, principalmente no Instagram, e também por isso, um dos motivos pelos quais o perfil @duasmaeseumafilha, que aborda o tema no corpus da análise, participa desse estudo. Já existem alguns debates sobre as novas conformações familiares que apresentam dois pais ou duas mães, mas o exercício da maternidade a partir desse olhar para as lesbianidades ainda é invisibilizado em diversas esferas. A ‘Dupla Maternidade’ sintetiza a experiência desse olhar, marcado por especificidades das lesbianidades, e buscando ultrapassar ambas a heterossexualidade compulsória e os papéis de gênero, como normas socialmente impostas.

‘Saúde Mental’ também tem sido uma pauta emergente e, embora tangencie grande parte das temáticas elencadas, é eixo central do perfil @lesbicanegraecaminhao. Porque parte da proposta central deste canal é produzir e promover conteúdos explicitamente direcionados para o tema da saúde mental, com ênfase na saúde mental de mulheres lésbicas negras e que não performam os padrões de feminilidade socialmente impostos.

Por ‘Outras Performances de Feminilidade’ compreende-se uma discussão sobre mulheres que se auto intitulam enquanto mulheres que não performam feminilidade. A partir da categorização ‘Outras Performances de Feminilidade’ é possível expandir o conceito para outras performances de feminilidade, entendendo que lidamos com uma construção hegemônica de feminilidade. Construção essa que responde à um padrão branco, heterossexual, e normativo, quando há muitas outras performances possíveis de feminilidades. Inclusive, ao explorar todas as possibilidades que se apresentam, a partir de uma masculinidade vivida por mulheres. Conferindo maior razoabilidade ao se pensar nessa identidade/identificação de uma maneira mais afirmativa do que negativa.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| PERFIS | REGIÃO | TEMÁTICAS |
| @pretacaminhão | Centro-Oeste | Negritudes; Lesbianidades; Outras Performances de Feminilidade; Cultura e Práticas Sociais; |
| @clubelesbos | Território Nacional | Lesbianidades; Cultura Lésbica; |
| @sapataoamiga | Sudeste | Negritudes; Lesbianidades; Cultura e Práticas Sociais; Cultura Lésbica; |
| @kimbalaie | Nordeste | Lesbianidades; Outras Performances de Feminilidade; Cultura Lésbica; |
| @duasmaeseumafilha | Sudeste | Dupla Maternidade; Lesbianidades; |
| @velcrochoque | Centro-Oeste | Lesbianidades; Cultura Lésbica; Outras Performances de Feminilidade; |
| @lesbicult | Sudeste | Lesbianidades; Cultura lésbica; |
| @lesbicanegracaminhao | Nordeste | Negritudes; Lesbianidades; Outras Performances de Feminilidade; Saúde Mental; |

Tabela 1 – Temáticas elencadas e regiões dos perfis analisados

O resultado da análise das lives, também destaca como as palavras *pretas* e *negras* aparecem entre os termos de maior frequência no corpus analisado e, por isso, surgem em destaque na nuvem de palavras – assim como outros termos e hashtags, que se referem às negritudes, como #lesbicasnegrasexistem, #lesbicasnegras, #lesbicasnegrasresistem. Esse fenômeno corrobora o resultado da tabela, visto que na nuvem de palavras, ‘Negritudes’ aparece como a temática mais discutida entre os conteúdos das 68 lives, ficando atrás apena do tema guarda-chuva das ‘Lesbianidades’.

****

Figura 2 – Nuvem de palavras gerada a partir do corpus de texto das publicações.

É interessante observar, a partir da insurgência dos debates lésbicos no Instagram – ousando dizer, a partir mesmo da insurgência dessas rebuceteias –, a forma como isso remonta a processos mais antigos. Lançando um olhar para o contexto norte americano, é possível encontrar historiadoras que apontam mulheres negras que não performam feminilidade ou, melhor, que performam outros tipos de feminilidade – incluindo aquelas, em contextos mais específicos, que se autodenominavam enquanto *butches* –, enquanto as primeiras a trazerem as lesbianidades à tona (GIMENO, 2005). Sendo responsáveis “pelas primeiras conquistas de espaço político e pela divulgação de uma cultura lésbica” (AGOSTINI, 2020, p.40).

Se quero entender a maneira como o Instagram media ou (re)inaugura o processo do rebuceteio, entendendo-o a partir desse aspecto de organização social, é preciso, simultaneamente, elucidar sob quais condições de processo opressivos – racismo, capacitismo, gordofobia, entre tantos outros – essa interação entre mulheres lésbicas é, historicamente, submetida. O movimento LGBTQIA+[[4]](#footnote-4) absorveu, em seu núcleo, todas as contrariedades da sociedade brasileira, entre elas o racismo, que se expressa, nesse caso, também pela invisibilização de pautas e agendas caras às mulheres negras. As redes sociais viabilizam uma maior propagação de discursos e narrativas tradicionalmente silenciados e escancaram a necessidade de revisão das lógicas, uma vez estruturadas.

Sobre a categoria ‘Outras Performances de Feminilidade', Jack Halberstam (2008), ao analisar as subculturas lésbicas, abre caminho para reflexões quanto a possibilidade de haverem subculturas de gênero, que estariam, justamente, relacionadas a outras performances de feminilidade – e ou masculinidade. Afirmando, nesse raciocínio, que são impostas formas mais ou menos (in)aceitáveis de ser lésbica (HALBERSTAM, 2008). Essas formas, por sua vez, são atravessadas por questões estruturais, como raça, classe, mas também por performances e papéis de gênero. Sendo assim, interessa aqui pensar nessa diversidade de gênero (HALBERSTAM, 2008) e na existência das diversas formas de ser mulher. E, nesse sentido, em como perceber a variedade de performances da feminilidade e como isso também traz consequências quando estamos pensando nas lesbianidades e como isso afeta, historicamente, lésbicas que não estão em conformidade de gênero[[5]](#footnote-5).

Ao longo de todo o artigo, apesar do termo lésbica ter sido utilizado, a verdade é que essa denominação pode ser considerada enquanto um guarda-chuva, não só para outros termos, mas principalmente, para outras identificações; como são caminhoneira, sapatão, *zami*, entendida, fancha, entre outros. Isso significa, a abrangência de termos que não apenas sinônimos, mas que descrevem subculturas específicas da comunidade lésbica. Os termos caminhoneira e sapatona, por exemplo, aparecem na nuvem de palavras e possuem destaque na discussão por serem historicamente relacionados a mulheres que não performam a feminilidade culturalmente imposta, nesse caso, principalmente, observa-se a experiência de mulheres negras.

Apossar-se do termo “sapatão” é, de certa forma, reconhecer-se naquela identidade estigmatizada para reinventar formas de vida e resistência, carregando, nisso, a historicidade da qual é feita a palavra, que fala para além da mulher lésbica naquele momento, mas da mulher lésbica em sua presença ao longo dos anos, trazendo o significado e a marca dessa invisibilização (MOTTER, 2018, p.56).

As rebuceteias são, portanto, a tradução de um processo, não apenas de interação e organização, próprio das mulheres lésbicas, mas também de um processo de conexão entre elas, reinventado a partir das redes sociais, dissolvendo as barreiras geográficas e, sobretudo, questionando o discurso hegemônico sobre e a partir da própria comunidade lésbica. A conectividade, compreendida aqui enquanto a capacidade de se conectar e de produzir informações, não se limita apenas àquela obtida por meio dos dispositivos, mas é, também, reflexo das pessoas mediadas por esses mesmos dispositivos. Escancarando, assim, contradições presentes na sociedade brasileira e reproduzidas nos movimentos sociais.

Se é verdade que a cartografia faz emergir a virtualidade já presente nos processos (KASTRUP, 2015), e que isso significa fazer surgir uma potencialidade que lá está, e que estamos tratando da virtualidade em um outro sentido, a cartografia faz surgir a potencialidade do processo de virtualização – e plataformização – dessa conectividade entre mulheres lésbicas. A promoção de debates públicos, explicitada na nuvem de palavras a partir de, por exemplo, termos como comunicação, encontro e papo sobre as lesbianidades, revelem outras narrativas sobre o que é ser lésbica. Narrativas essas, que não são preenchidas por uma sujeita universal – comumente branca e de acordo e em conformidade normas como as de gênero, mencionadas anteriormente – e, portanto, são uma das contribuições mais importante desse fenômeno emergente.

**Considerações finais**

A partir do questionamento das formas pelas quais o Instagram tem produzido o fenômeno do rebuceteio, foi possível observar o deslocamento – ou a continuidade, ou a (re)produção – desse fenômeno para a plataforma. E curiosamente, como ele passa por um processo de alongamento, do ponto de vista da extensão, pelo alcance geográfico das novas tecnologias e da dissolução de fronteiras físicas, mas principalmente pela profundidade política da multiplicidade de discursos.

Não mais se trata apenas de uma capacidade específica de mulheres lésbicas de se relacionarem e se conectarem de maneira sexual e afetiva, mas da capacidade de se conectarem, propagando essas conexões e transformando-as em novas formas de, até mesmo, de enxergar as próprias lesbianidades. Sendo assim, as rebuceteias não acontecem apenas pela expansão, ou pelo aumento de nitidez da conexão entre essas mulheres, mas ainda, por se tratarem de uma costura entre narrativas e discursos, a partir de, e para, essas mulheres. Elas deixam, então, de se constituírem meramente pelo caráter majoritário afetivo-sexual e social – no sentido de promotor de sociabilidade –, passando a serem reconhecidas enquanto um fenômeno mais complexo, e produtor de conexões que permitem expandir a compreensão dessa forma de organização social.

É assim que corpus mais extensos podem permitir a visualização desse enredamento entre lésbicas no Instagram – podendo ser replicado e/ou estendido para outras plataformas –, fenômeno em voga, mesmo fora de um contexto de pandemia, e que não se limita a, por exemplo, a perfis que produzem conteúdos, intencionalmente, sobre as lesbianidades. E por que digo intencionalmente? Porque corpos que subvertem as normas de sexualidade e/ou de gênero também acabam por promover, ainda que indiretamente, certas disrupções.

Essas insurgências de debates sobre sexualidade, gênero, raça – próprias das redes sociais e, como contrapartida do discurso hegemônico das grandes mídias –, possibilitam uma série de revisões sobre as sujeitas e seus movimentos. Este é o caso das lesbianidades, sobre as quais não se pode mais falsear a existência de um discurso único e universal. Discurso esse que, sobretudo, reforça o racismo, o capacitismo, o elitsmo, a gordofobia e a própria lesbofobia – haja visto sua falta de reconhecimento sobre as tais formas menos aceitáveis de ser lésbica (HALBERSTAM, 2008).

Esse corrente processo de plataformização da vida, além do já abordado, desemboca, também, em uma plataformização das práticas sexuais-afetivas, às quais seria plausível chamar de plataformização da sexualidade. Sendo esse o resultado, e o caminho, de (re)produção dessas discussões e experiências para as plataformas e aplicativos. Seja na maneira como as informações sobre esse âmbito da vida das/os sujeitas/os são fornecidas – como é o caso de aplicativos de relacionamentos, como o Tinder, para onde fornecemos informações sobre nossas orientações sexuais, identidades de gênero e que administra nossos interesses no campo dos relacionamentos –, quanto na forma como expressamos essas sexualidades em plataformas como o Instagram – colocando nossa orientação sexual em nossas @ ou *bio*’s, produzindo conteúdos específicos sobre essas vivências, criando redes entre pessoas que compartilham de uma mesma orientação sexual, ou mesmo partilhando informações e/ou conteúdos íntimos, como conversas particulares e/ou *nudes*.

A partir dessa lógica, seria possível produzir outras análises, ou expansões cartográficas sobre as rebuceteias, e também trilhar um caminho que permita investigar se, e como, essa crescente plataformização da vida tem também produzido uma plataformização do armário, acompanhando um mesmo sentido da, aqui chamada, plataformização da sexualidade. Estariam as novas práticas da cibercultura mudando a maneira como, não apenas lésbicas, mas sujeitas/os LGBTQIA+ têm “saído do armário”?

De toda forma, o trabalho, aqui proposto, explicita de que maneiras as rebuceteias podem ser definidas enquanto a capacidade de mulheres lésbicas de se conectarem para, acima de tudo, produzir sentidos sobre as suas existências, corpos e desejos.

**Referências Bibliográficas**

AGOSTINI, A. **Do visível ao invisível:** em busca de imagens da lesbianidade. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2020.

BENTES, A. **MediaLab UFRJ » Quase um tique: economia da atenção, vigilância e espetáculo a partir do Instagram**. Disponível em: <http://medialabufrj.net/projetos/quase-um-tique-economia-da-atencao-vigilancia-e-espetaculo-a-partir-do-instagram/>. Acesso em: 1 jun. 2020.

BOYD, danah. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In: PAPACHARISSI, Zizi (org.). **A Networked Self: Identity, community and culture on social network sites.** Nova York: Routledge, 2011. p. 39–58.GERGEN, K. J. The self in the age of information. **The Washington Quarterly**, v. 23, n. 1, p. 201–214, 1 mar. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1162/016366000560656>.

GILLESPIE, T. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, p. 95–121, 2018. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/722>.

GIMENO, Beatriz. **Historia y análisis político del lesbianismo: la liberación de una generación**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

HALBERSTAM, J. **Masculinidad Femenina.** Barcelona: Editorial Egales, 2008.

LATOUR, B. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory**. [s.l: s.n.]v. 41

LEMOS, A. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013a.

LEMOS, A. Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede. **Galáxia (São Paulo)**, v. 13, n. 25, p. 52–68, 2013b.

LORDE, A. Não há hierarquias de opressão. **Textos Escolhidos de Audre Lorde: Heretica Difusao Lesbofeminista Independente**, p. 5-6, 2012.

LUPTON, D. **Digital Sociology**. [s.l.] Taylor & Francis, 2014.

MARRES, N. **Digital Sociology: The Reinvention of Social Research**. [s.l.] Wiley, 2017.

MOTTER, Julianna Paz Japiassu. **Falar do ódio fora do ódio:** testemunho de ativistas lésbicas sobre o discurso de ódio nas redes sociais. 2018. 89 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

NATANSOHN, LEONOR GRACIELA; FERREIRA, S. R. da S. Digitalização de si: algumas contribuições teóricas para entender corpo em ambientes digitais. 2018.

PUAR, J. K. . **The Right to Main**. Durham: Duke University Press, 2017.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2012.

TURKLE, S. Always-On/Always-On-You: The Tethered Self. In: **Handbook of Mobile Communication Studies**. [s.l.] The MIT Press, 2013. p. 121–138.

VAN DJICK, JOSÉ; POELL, THOMAS; WAAL, M. **The platform society: public values in a connected world.** [s.l: s.n.]v. 53

ZAMBENEDETTI, G.; DA SILVA, R. A. N. Cartografia e genealogia: Aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. **Psicologia e Sociedade**, v. 23, n. 3, p. 454–463, 2011.

ZILLER, J. et alii. Lesbianidades em rede: visibilidades e invisibilidades no YouTube. In BRUNO, Fernanda,, NATANSOHN, Graciela, PARRA, Henrique, BARRETO, Paola, FIRMINO, Rodrigo. **Anais do VI Simpósio Internacional LAVITS:** “Assimetrias e (In)Visibilidades: Vigilância, Gênero e Raça”. Disponível em http://lavits.org/wp-content/uploads/2019/12/Ziller\_et\_all-LAVITISS-2019.pdf

1. Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia - UFBA, pertence ao grupo de pesquisa de Gênero, Tecnologias Digitais e Cultura (Gig@), juliannamotter@gmail.com; [↑](#footnote-ref-1)
2. Entende-se por mulheres que se relacionam sexto-afetivamente com outras mulheres também mulheres bissexuais, pansexuais, polissexuais e outras possibilidades. [↑](#footnote-ref-2)
3. A questão sobre como mensurar o alcance dos perfis no Instagram ganhou outra dimensão depois que os likes foram retirados da visibilidade coletiva de publicações, sendo acessíveis apenas para os próprios usuários. Assim, foi necessário pensar em outras formas de medida que não se limitassem, por exemplo apenas ao número de seguidores, foram elas: compartilhamentos de suas publicações – viralização -, participação em outras plataformas próprias e/ou de outros usuários, destaque em mídias, participação em eventos/ocasiões importantes para a comunidade lésbica. [↑](#footnote-ref-3)
4. Embora não seja uma questão central no trabalho, elenca-se aqui o uso do termo LGBTQIA+ para referir-se aos movimentos de sexualidades e gêneros dissidentes, que tem se expressado e configurado de maneiras distintas desde o seu surgimento. Com isso, não é pretendido o apagamento ou a invisibilidade de outras identidades ou identificações, mas a simplificação de um debate extremamente delicado e complexo, cuja necessidade não é central para compreensão do uso do termo no trabalho. [↑](#footnote-ref-4)
5. A expressão “não conformidade de gênero” tem sido frequentemente utilizada por lésbicas nas redes sociais para se referir às butches, caminhoneiras, e outras formas de ser-lésbica que abrangem outras formas de performar feminilidade – ou mesmo de se reconhecer em formas de masculinidades. [↑](#footnote-ref-5)